

Rio de Janeiro, Vila Isabel, 28 de Maio de 2016.

Diogo, meu Ameido,

Essa é a última carta a compor o corpo dessa dissertação de mestrado que finaliza hoje. Escrita pra você a partir do que você movimenta em mim, só poderia mesmo sair dessa forma: feita em ação e lida em voz alta. Olha só pra gente, meu Ameido. Olha nossos corpos, nossos cabelos, nossas peles, nossos rostos, eles mudaram muito desde que nos conhecemos? Desde aquele nosso encontro em novembro de 2009, no bar Chimeninho na Lapa, encontro no qual você me convidou para fazer parte da sua próxima peça da faculdade, eu aceitei o convite e passei a fazer parte não só da peça como também da sua companhia de teatro recentemente criada, o Inominável. Desde aquele encontro já se foram sete anos, Ameido. Mudamos muito?

E ali, naquele novembro de 2009 o que você usava? Qual roupa? Você se lembra? E eu? Qual cor? Fazia frio? Calor? Eu estava com os cabelos presos ou soltos? Você me ofereceu um cigarro? Eu beijei o seu rosto?

De lá pra cá o que mudou na gente e entre a gente?

O Inominável expandiu, inchou, ganhou peso, hoje somos muitos, muito mais diversos e, sem dúvida, muito mais bonitos.

De lá pra cá as cores da parede dessa casa mudaram

Eu e Andréas começamos a namorar e me lembro de você ter fotografado o nosso primeiro beijo

Eu passei a fazer performances e a questionar cada vez mais a minha relação com o teatro

Passei a criar Figuras e a questionar cada vez mais a minha relação com a vida

Figuras como modo de agir outras possibilidades para o meu corpo de mulher

Eu entrei para o mestrado

Passei a cuidar menos da gente e você continuou cuidando por nós

Quantas vezes aqui nessa sala trocamos palavras, pensamentos, sorrisos e lágrimas. Quantas vezes você corrigindo comigo as cartas que compõe essa dissertação, acalmando o meu desespero, nomeando o que me escapava, desanuviando a minha confusão e me ensinando a pontuação dos vocativos não é mesmo vírgula Ameido?

Choramos juntos algumas vezes, aqui, bem aqui, a situação social e política do nosso País, choramos ainda mais a nossa condição humana.

Muita coisa já mudou de lá pra cá, Ameido, mas a gente fica, a gente, o que somos juntos, permanece, e é isso que me mantém viva. É isso que me mantém viva e pulsante. Porque quando o desespero toma conta do meu corpo e parece que tá tudo errado, que não dá mais pra seguir, quando o desespero toma conta e parece que não vai dar mais, eu me lembro de você. Me lembro dessa casa e de uma carta que você me escreveu no dia 18 de novembro de 2015:

*Nossa azarada sorte*

*Para Flávia Naves*

*Sabe?*

*Inventamos um nome. E um nome é esconderijo para mundos outros. Inéditos. Não sei te chamar de amiga, nem de Flávia. Flavinha não serve e muito menos basta dizer só amor. Chamo-te do nome que um dia você em mim plantou: ameido. Eu, seu ameido, você, ameida minha.*

*Há pouco nos falamos por telefone e eis um momento na vida que perdura nela para todo o sempre: o momento da mútua confissão. Momento em que em diálogo confessamos, por acaso, a mesma condição. Momento no qual reconhecemos quase que ao mesmo tempo a nossa prostração. Somos um tanto fortes, um bocado sábios, dividimos juntos o desejo por um mundo outro, menos em guerra, mais germinável. E quando - um ao outro - reconhecemos um soluço imenso entre nossas ações e gestos, quando flagramos um cansaço tenaz em nossos discursos, então, é preciso saber: a doença do mundo em nós se plantou.*

*O que fazer então, ameida? Talvez um ano vendo o rosto no espelho. Um ano sem palavras. Um ano vestido apenas de azul. Um ano acordando sempre às seis e enfiando as mãos na terra do mundo. Um ano comendo uma minhoca por semana. Um ano deitando-se nu sob a noite. Um ano longe. Um ano sem tudo aquilo que nos acostumamos a ter. Um ano mudando o corte e a cor dos cabelos. Ou talvez outros programas porque um café feito no bule também tem que valer. Um café para dois. Uma tarde dançante, por que não? Uma coisa qualquer, cafona, um dançar, até a vergonha virar lágrima e desespero para enfim ser só sorriso. Outro programa, ameida. Eu o tenho cá comigo: se chama Pop Rock. É um presente que ganhei da Eleonora. E quero experimentar com você.*

*Vamos? Desautorizar a doença que o mundo quer em nós mover. Vamos desautorizar tudo isso aqui no pequeno, aqui na minha casa, na nossa sede, no nosso apartamento. Vamos? Talvez comece pequeno, mas veja: só vai ser gigante, só vai brilhar no céu se fortes estivermos para mover tanto assim. Não vai se não for por nós e hoje o nós nos sufoca e a gente só pensa em tentar conseguir dormir.*

*Que não vai dar, que já não deu, que não dará, nós dois já sabemos. A miséria do mundo que disseram não ser nossa, tarde descobrimos ser nossa sim. Então perdemos. Estamos perdidos. Então vamos, vagando feito mortos, vamos mexer com tudo isso. Doses de prudência? Duvido, sabia? Prudência é também medo de acabar. E se está tudo assim tão moído, quem sou eu para achar não estar. Eu estou. Eu, diabético, chorando o Rio Doce recém-falecido.*

*Vamos, ameida? Vamos escrever um livro. Vamos distribuir pipoca na rua. Vamos fazer essas coisas todas que chamam de loucura, que chamam de loucura, essas coisas que chamam de loucura. Vamos fazer tudo isso. Vamos pintar o rosto de roxo. Vestir a roupa ao contrário. Vamos devolver ao mundo o seu reverso e depois rir, chorar, silenciar, vamos juntos mexer e nos olhar de volta: o mundo que nos cala também nos faz gritar. É essa a nossa condição, minha amiga. É essa a nossa condição: não gostar, não aprovar e, mesmo assim tão duros, tão certos, tão convictos, cá estamos nós sem saber como lidar.*

*Que pergunta fazer? Talvez: toma um café comigo? Que pergunta fazer? Talvez qualquer outra: pergunta-umbigo: vamos ao cinema? Vamos gastar dinheiro? Eu tenho um pouco aqui, vamos ao shopping? Vamos lambar o mundo que nos envenena e perverter nossa azarada sorte.*

*Estou cheio de músicas novas para te mostrar. Elas me mexem tanto. Danço em silêncio, danço privado de grandes movimentos, mas esta é minha época. Estas são as minhas dores, o meu pavor, nu, concentrado, a minha aporia, a minha afasia. Este sou eu: perdido no mundo e encontrado no seu riso. Como pode, não?*

*O mundo nos convidando a desistir e a gente lúcido a ponto de se chatear e doer. A gente disposto a se importar.*

*Como pode não? A vida lá fora - tão aqui dentro de casa - pedindo ajuda e a gente sem saber com qual língua se conversa com o mundo. E Deus, ameida? Ele não fala nada? Vamos tentar falar com ele? Outro programa para as férias: vamos performar juntos? Vamos cuidar do nosso peito para que a batida adulterada que nos abate se estenda ao lá fora.*

*Eu não sei, tá? Porque não é sobre saber. Se estamos morrendo, se o destino é morrer, então qual medo restou? Moças e moços, crianças e velhos, todos os homens e mulheres do mundo atravessam oceanos nadando por sobre tubarões. E a gente? Quão mais longe podemos ir? Quão mais perto podemos entrar?*

*Vem tomar um café comigo. Ou eu vou de lancha te visitar. Vamos fazer pequeno. Mas vamos fazer juntos. Despachar o mundo. Despachar este mundo para outro que vem vindo.*

*Eu te amo. E a sua dor em mim vira música.*

*Dança Ela comigo?*

*Do seu ameido*

Porque um dia você me escreveu uma carta, me fez um convite, me autorizou o gesto, me abençoou com palavras, porque um dia você me escreveu uma carta certas coisas antes inimagináveis, inaceitáveis, incabíveis, passaram a ser possíveis. Porque um dia

você me escreveu uma carta dizendo que eu não precisava ter medo, que eu poderia ir mais longe, é que agora, junto a você eu me permito ainda mais, eu me permito ser mais uma e uma com nome e assinatura. Porque um dia você me escreveu uma carta eu me permito agora te olhar e dizer, meu Ameido: eu Flávia me chamo Caio.

Eu Flávia, e agora também Caio.

É um nome meu Ameido, um nome pra somar ao meu, pra não me deixar esquecer que eu nunca fui uma, que eu já nasci duplicada e que as possibilidades de um corpo são múltiplas, infinitas. Quem foi que disse o contrário? Você, você disse que um nome é esconderijo para mundos outros, inéditos, e eu digo que um nome é também ferramenta de luta. Um nome como exercício experimental de liberdade.

Caio me foi soprado um dia desses enquanto eu tomava banho aqui em casa, isso tem pouco tempo, mas ele devia estar querendo se fazer ouvir há tempos, desde que o Caio Riscado, nosso amigo, nos enviou uma carta no ano passado, lembra? A carta é uma foto dele nu em algum cômodo da casa com uma peruca de mulher, olhando pra gente com a boca meia aberta de forma a nos provocar. Atrás da foto se lê: eu vou contar pra todo mundo/ eu vou pixar sua rua/ vou bater na sua porta de noite completamente nua. Desde que ele me enviou esta carta e me fez essa provocação que eu estou tentando entender o que ela veio me dizer, porque ela foi parar nas minhas mãos e que resposta ela queria de mim. Desde que vim morar aqui ela está exposta no mural de cortiça que fica em cima da mesa do computador. Agora eu sei que ela veio me dizer. Sabe o que significa Caio, Ameido? Alegre. Caio tem raiz do latim Caius e significa alegre.

Eu quero agora te devolver o convite que você me fez, agora sou eu a te dizer: vamos pintar o rosto de roxo, vestir a roupa ao contrário e fazer tudo isso que chamam de loucura? Vamos celebrar Caio? A alegria desse meu, desse nosso “corpo Figura”, alegria que é feita de cores, um arco íris de cores, muitas cores, todas as cores e todas elas juntas, sem separação? Se disseram um dia desses que o vermelho não pode mais se juntar com o verde, nem o verde pode se juntar com o amarelo e o preto, o preto nunca pôde se juntar com o branco, a gente desdiz isso tudo, a gente inverte tudo isso, porque hoje é dia de Caio. Hoje é dia de celebrar a alegria que agora nos veste.

Eu que já dancei a minha dor contigo, agora te convido a vestir essa alegria comigo.

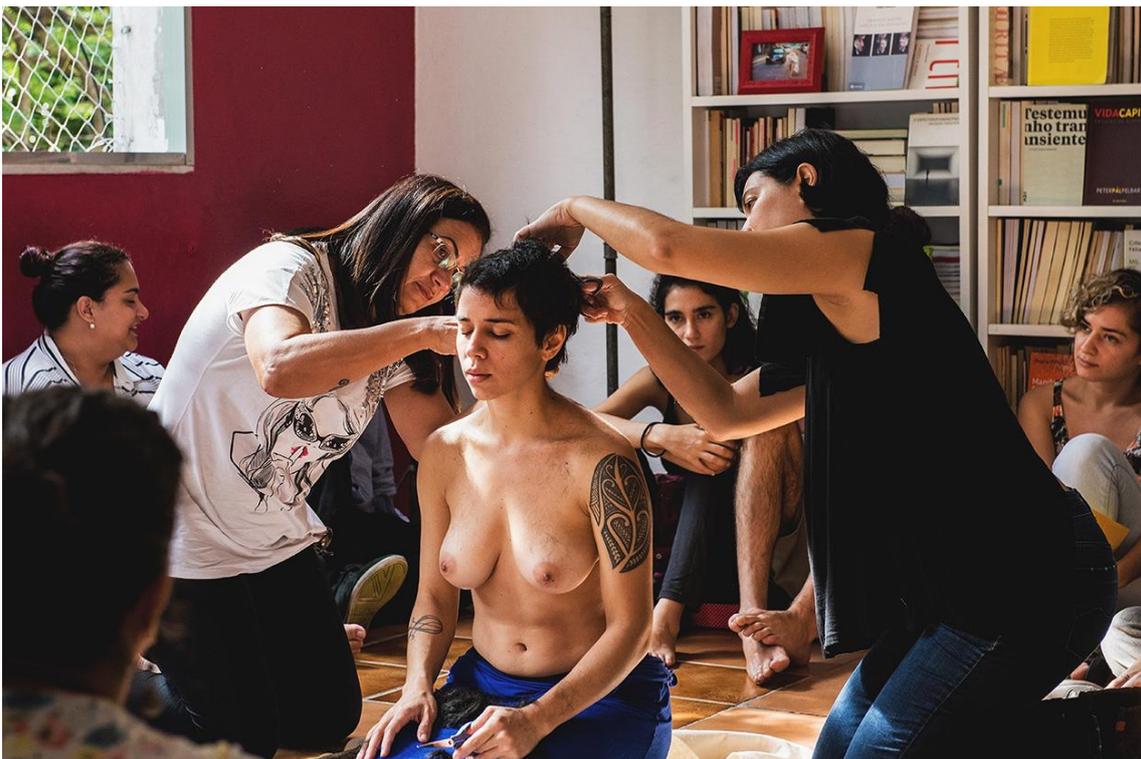
Eu te amo, meu Ameido.

Da sua,

Caio e Flávia.



































Defesa dissertação *corpo Figura*. Rio de Janeiro, Vila Isabel, 28 de Maio de 2016. Fotos: Francisco Costa.